

Os 3 membros da corporalidade

Introdução à Constituição Humana – parte 5

Valdemar W. Setzer



Vamos nos aprofundar em certos aspectos da constituição não-física do ser humano. E os aspectos vitais? Será que aquilo que chamamos de 'vida', por exemplo em uma planta, é devida a fenômenos exclusivamente físico-químicos? É lógico que não – para a ciência materialista, o fenômeno 'vida' é uma grande incógnita. No entanto, afirmamos que as plantas não tem alma. Então onde estão esses processos vitais e quais são suas causas? Para entrarmos na questão deles e da vida, e em outros processos que abordaremos mais adiante, é necessário tratar de 3 membros da corporalidade, também conceituados por Rudolf Steiner.

5.1. O Corpo Físico

Observemos um ser humano morto recentemente. O que podemos ver é seu puro *Corpo Físico* sem nenhuma manifestação vital: ele não respira, seu coração não bate, não há metabolismo. Ele está totalmente entregue às forças da natureza, que decompõem seu corpo.

5.2 O Corpo Etérico

Observemos agora um jovem dormindo. Contrariamente ao morto, os processos vitais estão se passando normalmente: ele respira, há batimentos cardíacos, o metabolismo segue seu curso (digestão, regeneração de órgãos e tecidos), ele

crece e, principalmente, algo atua contra as forças da natureza e seu corpo não se decompõe.

Rudolf Steiner diz que uma observação clarividente pode constatar que nesse corpo físico dormindo atua um segundo elemento corpóreo, agora não-físico, que ele denominou, seguindo uma certa tradição esotérica, de *Corpo Etérico*. É ele que é responsável por todas as funções vitais que mencionamos, e ainda pelo estabelecimento e manutenção das formas orgânicas do corpo físico; daí Steiner tê-lo denominado também de Corpo das Forças Plasmadoras. De fato, como é possível explicar por processos puramente físico-químicos que as orelhas, que não param de crescer, mantêm uma forma razoavelmente simétrica? Não adianta dizer que isso é devido ao DNA. Como chamou a atenção R.Sheldrake em seu livro *A New Science of Life* (Los Angeles: Tarcher/St.Martin 1987), o DNA na ponta de um dedo é o mesmo que no lóbulo da orelha, no entanto num caso ele 'produziria' um dedo e na outra o lóbulo. Aliás, sabe-se que uma mudança no DNA de certas plantas pode produzir alterações em suas formas, mas não se sabe com exatidão qual o processo que faz o DNA regular a forma durante todo o crescimento e a regeneração.

O Corpo Etérico estabelece e regula a forma do Corpo Físico, e é responsável pela regeneração de órgãos e tecidos, por meio do metabolismo, e também pela hereditariedade. Somente o DNA não leva à hereditariedade; é necessário algo que leve do DNA à manifestação da mesma. Afinal, o DNA é como um modelo; é preciso uma atuação de algo sobre ele para que ele produza, por exemplo, um órgão, assim como uma forma de bolo sozinha não produz um bolo – para isso é preciso uma cozinheira que usa a forma mas nela coloca os ingredientes, leva-o ao forno, etc. O interessante dessa metáfora é que cada vez que ela usa a forma, faz um bolo um pouco diferente – ou até muito diferente, dependendo dos ingredientes e das ações que toma para fazê-lo. Podemos ainda modificar essa imagem associando o DNA aos ingredientes do bolo: é necessário alguém que os misture e uma forma para dar-lhe a forma e a estrutura finais.

Vejamos o que aquele jovem dormindo não tem. Ele não faz movimentos voluntários, não tem consciência (não se sente dor em sono profundo), nem percepções e sentimentos. Estes são devidos a mais um membro da corporalidade – mais adiante faremos uma distinção em relação à atividade da alma, na qual colocamos alguns desses processos.

5.3 O Corpo Astral

Observemos em seguida uma criança de poucos meses acordada. Nela temos todos os processos vitais de uma pessoa dormindo, mas temos também movimento (pelo menos dos bracinhos e perninhas, e também do queixo) e, principalmente, consciência, percepção sensorial e sentimentos. Essas atividades adicionais são devidas a um terceiro membro da corporalidade, denominado por Steiner de *Corpo Astral*. Como o corpo etérico, ele também não é físico, é supra-sensível. Mas é de uma 'substancialidade' não-física diferente da substancialidade do corpo etérico, e mais sutil da que deste.

É devido à presença do corpo astral que o ser humano tem as manifestações que reconhecemos na pequena criança desperta, e que não ocorrem em uma pessoa dormindo.

O leitor atento observará que algumas dessas manifestações são as de ter percepções sensoriais e sentimentos. Ora, quando falamos da Alma das Sensações, referimo-nos ao fato de que é justamente devido a ela que temos as sensações interiores provocadas, por exemplo, pelas percepções sensoriais. Pois bem, o Corpo Astral pode ser considerado o *veículo* não-físico das sensações. A vivência interior das mesmas é feita pela Alma das Sensações. É uma situação análoga à do olho e da visão. O olho é o veículo dos impulsos luminosos, mas certamente não é o olho que vê: a imagem é formada interiormente. Isso é feito pelo cérebro, no entender dos cientistas materialistas, sem poderem-no provar. É feito pela Alma das Sensações, diria o espiritualista, também sem podê-lo provar fisicamente, pois não é um processo físico; seria necessário desenvolver órgãos de observação supra-sensíveis para se poder observar esse processo.

Podemos agora ser um pouco mais precisos com mais uma característica animal e humana: os instintos não se localizam na alma, mas no Corpo Astral. De fato, os instintos tem um caráter de permanência, eles estão de algum modo incorporados às características não-físicas dos seres humanos. Por outro lado, a alma está mais afeita a reações interiores.

5.4 O 'Eu'

Mas o que uma criança de poucos meses não tem que um adulto acordado tem? Ela não tem auto-consciência: apenas aos 3 anos uma criança que não teve uma aceleração indevida de seu amadurecimento (por exemplo, forçada pela TV ou pelo uso de computadores) refere-se a si própria como 'eu'. A criança de poucos meses não tem posição e andar eretos, fala, pensamento, liberdade, responsabilidade, e nem manifestação de uma individualidade superior – isto é, aquela que está além dos traços físicos individuais, seus gostos e instintos particulares.

Steiner acrescenta mais um quarto elemento à constituição humana, que denominou de *Eu*, e que não mais considerou como sendo corpóreo como os três anteriores, e sim puramente espiritual. É devido a esse Eu que o adulto tem todas as características que não encontramos na criança pequena. Para simplificar, vamos considerar que esse Eu é aquilo que chamamos de Espírito na trimembração formada com a alma e o corpo. Sua 'substancialidade' é ainda superior, mais sutil, do que a do Corpo Astral. É por meio dele que o ser humano comunga com os mundos espirituais, o mundo das ideias, como caracterizamos ao abordar o Espírito.

Cada ser humano tem um 'Eu' individual, distinto dos outros. É ele que denominamos de 'individualidade superior'.

5.5 Síntese

Temos, portanto, 3 membros da corporalidade: o Corpo Físico e os outros 2 não-físicos, o Etérico e o Astral. O único que é físico, e onde se encontram todos os processos físico-químicos, é o primeiro. Os outros 2 não são físicos, podendo-se dizer que são compostos de uma 'substancialidade' não-física etérica e astral, respectivamente. Com o Corpo Etérico temos principalmente as funções vitais, e com o Astral principalmente a consciência. Um quarto elemento, não mais corpóreo, o Eu, introduz as manifestações puramente espirituais, como a individualidade superior, a auto-consciência, a liberdade e a moral. Denomina-se de *quadrímembração* a organização humana incorporando os 3 membros da corporalidade e o Eu.